

## O DESENHO COMO LINGUAGEM - PRÁTICAS COM DITADO VISUAL

Luci Vilanova

Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

### Resumo

O Desenho pode ser considerado uma forma de expressão inerente ao ser humano. Há também uma suspeita de que essa prática possa ter sido utilizada como uma das primeiras formas de comunicação humana no mundo. Ainda hoje, utilizamo-nos desse meio de comunicação, porém, os adultos tendem a apresentar bloqueios criativos quando lhes é solicitado que desenhem. A prática do *ditado visual* pode facilitar o acesso à Criatividade, impulsionar e fortalecer a comunicação entre adultos. Aplicado em distintos grupos, o *Ditado Visual* proporcionou rica troca de informações entre os envolvidos. Além da comunicação que foi gerada a partir das imagens, estas ainda contribuíram para discursos criativos e transposição de linguagens, especificamente, música a partir de desenho. Ao acessar a imaginação os adultos puderam ser criativos numa atividade que antes julgavam ser inteiramente lógica e objetiva.

**Palavras-Chave:** Ditado Visual; desenho; linguagem; criatividade.

### Abstract

Drawing can be considered a form of expression inherent to the human being. There is also a suspicion that this practice may have been used as one of the earliest forms of human communication in the world. Even today, we use this form of communication, but adults tend to present creative blocks when asked to draw. The practice of visual dictation can facilitate access to Creativity, boost and strengthen communication between adults. Applied in different groups, the Visual Dictation provided a rich exchange of information among those involved. Besides the communication that was generated from the images, these still contributed to creative discourses and transposition of languages, specifically music from drawing. Upon entering the imagination the adults could be creative in an activity which they thought to be entirely logical and objective.

**Keywords:** Visual Dictation; drawing; language; creativity.

### O Desenho como Linguagem - Práticas com Ditado Visual

Segundo Pignatti, “o desenho sempre existiu, desde que existe a humanidade”. Esta relação revela que além do ato de desenhar ser uma forma de expressão inerente ao ser humano, há uma suspeita de que essa prática do Desenho possa ter sido utilizada como uma das primeiras formas de comunicação humana no mundo. Genevieve Von Petzinger

expõe num TED<sup>14</sup>, sua pesquisa acerca dos sinais geométricos encontrados em cavernas da Espanha, França, Portugal e Sicília. Ela acredita que os “artistas” que marcaram as formas encontradas nas cavernas tinham a intenção de o assim fazerem, ou seja, todo registo feito por eles foram escolhas intencionais, isto porque os símbolos produzidos, de 30 a 40 mil anos atrás, se repetiram por muito tempo e em muitos lugares distintos. Petzinger afirma ainda que esses desenhos, provavelmente, eram formas de comunicação entre os indivíduos que ali habitavam. Isto fortalece a ideia de que o Desenho é uma forma de comunicação natural do ser humano, e ainda hoje, é utilizado para este fim, principalmente durante a infância. Todas as pessoas passam pelas mesmas fases de rabiscar, por exemplo, “as crianças, independentemente de raça, localidade, posição social, por volta de dois anos, iniciam os movimentos circulares, que vão atingir seu ápice aos três anos, aproximadamente” (Rabello, 2014, p. 50) Desenhar faz muito mais parte do cotidiano infantil do que do adulto. O ser humano em desenvolvimento expressa-se por meio de desenhos naturalmente e pode ser que os desenhos produzidos por ele sejam considerados como uma via de comunicação com o mundo exterior. Quando a criança começa a registrar a forma circular, ela está a afirmar-se finalmente como um indivíduo, ou seja, deixa de se ver como uma extensão do corpo materno. Posteriormente, em relação ao ato de desenhar, as crianças continuam a desenvolver fases idênticas, “mas é importante ressaltar que cada criança tem um traçado individual, traz em seus desenhos sua realidade, traz seu traçado único e peculiar” (Rabello, 2014, pp. 53-54). Edwards em seu livro *Desenhando com o lado direito do cérebro* afirma que “por volta dos quatro ou dos cinco anos, as crianças utilizam os desenhos para contar histórias ou resolver problemas” (Edwards, 2000, p. 92). A partir daí o indivíduo passa a ter autonomia diante dos seus traços e provavelmente sua cultura poderá influenciar ao realizar os seus desenhos (Rabello, 2014). Na infância, torna-se mais fácil e faz parte da rotina criar desenhos e ler histórias a partir de ilustrações, pois ainda não se tem a formação para utilizar o sistema de escrita e leitura, que nada mais é que uma organização de símbolos uniformizados. Porém, “um meio de comunicação não nega o outro” (Dondis, 2007, p. 86), pois tanto a linguagem como o meio visual informam mensagens ao qual estão destinados. Enquanto a escrita e leitura dependem de uma formação prévia para que a pessoa seja capaz de decifrar os códigos, Dondis diz que “a reprodução da informação

---

14 TED – Organização de Conferências que ocorrem em diversos países do mundo. A apontada nessa pesquisa é a fala da paleontologista, pesquisadora de arte rupestre e, na altura, TED Bolsista Sênior Genevieve Von Petzinger que fez parte do TED, em 2015.

visual natural deve ser acessível a todos” (Dondis, 2007, p. 86). A questão é como poderia ser aplicada essa comunicação visual, em termos de produção de imagens, com os adultos, já que estes tendem a apresentar bloqueios criativos quando lhes é solicitado que desenhem? Esta resistência do adulto “deve-se ao fato de que quando as pessoas passam a desenvolver outras formas de comunicação, como a escrita, são formatadas pela sociedade e por suas perspectivas a não se comunicarem mais através da linguagem não verbal” (Vilanova, 2016, p. 20). A partir dessa observação, iniciei uma pesquisa para explorar como inserir o Desenho na vida de adultos que não se engajavam em tal prática desde a infância. A ideia era resgatar na essência do Ser Humano a prática de desenhar espontaneamente, e averiguar o que esses rabiscos poderiam comunicar para outros indivíduos e, principalmente, para o próprio adulto que o fez. Com esta finalidade, iniciei uma prática que chamei de *Rabiscos Terapêuticos* cuja metodologia descrevo no livro *Rabiscos Terapêuticos – como os doodles podem auxiliar na Arteterapia*. Ao inserir a prática de *doodles*<sup>15</sup> em processos arte-terapêuticos com adultos, notou-se como o rabiscar e voltar a desenhar podem contribuir para o autoconhecimento e bem-estar dos praticantes.

Posteriormente, procurei explorar outras formas de inserir a prática do desenho em grupos formados por adultos. No contexto do desenho como linguagem, inseri a prática do *Ditado Visual*<sup>16</sup>. Nesse caso específico, chamo *Ditado Visual* o exercício onde ao invés de ter como resultado uma lista de palavras, são direcionados comandos que contêm elementos do alfabeto visual, para que resulte num rabiscado, ou seja, numa imagem abstrata. Utilizei este termo, conforme vivenciei numa oficina de *Cadernos Criativos* com as Arte-terapeutas Ana Carmem Nogueira e Vera Maria Ferreti, no *11º Congresso Brasileiro de Arteterapia*<sup>17</sup>. O *Ditado Visual* proposto por elas, era composto por elementos visuais para que rabiscássemos a futura capa de nosso *caderno criativo*. Após o término dos comandos, ou seja, quando um desenho abstrato foi elaborado, elas nos convidaram a usar tintas para dar cores e até completarmos algumas formas se assim o

---

<sup>15</sup> “*Doodle* é um desenho que fazemos sem destino específico, e o deixamos sair quando estamos concentrados em outra ação, como falar ao telefone, por exemplo. Enquanto o fazemos não o avaliamos ou criticamos”. (Vilanova, 2016, p. 15)

<sup>16</sup> Ditado Visual é um termo utilizado para um exercício facilitador da alfabetização de crianças, onde o professor, ou condutor da prática, mostra imagens variadas para que as crianças possam, apenas ao ver a figura, escrever a palavra correspondente à mesma.

<sup>17</sup> Foi a primeira vez que ouvi esse termo para este fim. Nessa prática, especificamente, trabalhamos com um papel A5 colorido.

quiséssemos. Um exercício para ativar a criatividade a partir de uma imagem abstrata que surgiu por meio do *Ditado Visual*.

Alguns meses depois, tornei-me professora de *História da Arte e Consciência Estética* no curso de Pós-Graduação em Arteterapia da Pomar, no Rio de Janeiro. Os grupos com os quais me deparava, eram formados por pessoas licenciadas nas mais diversas áreas. Apenas dois fatores lhes eram comuns: O fato de todas estarem matriculadas na mesma Pós-Graduação e não terem a prática do desenho inserida nas suas vidas. Entre médicos, professores, psicólogos, advogados, e outros profissionais, a maioria também não tinha desenvolvido o alfabeto visual. Resolvi adotar o exercício do *Ditado Visual*, com algumas adaptações, para ser o primeiro contato com o grupo. Com papéis Kraft tamanho A2 e bastões de carvão vegetal, convidava-os a registarem os itens ditados por mim. A indicação era que marcassem o papel à medida em que eu dava comandos e que cada item fosse feito de acordo com a percepção de cada um. Antes da atividade iniciar, deixei claro que não havia certo ou errado e muito menos apelo estético para o que seria produzido. Os comandos eram ditos com intervalos bem pequenos, propositalmente, para não haver tempo de contemplação da imagem que estava sendo formada. Assim, não poderiam pensar em termos de composição. O tempo que eu lhes dava era suficiente apenas para processarem o que aquele comando representava para eles e, instantaneamente, marcarem o papel sem preocupação com a escolha do melhor sítio para cada elemento. Após cerca de dez comandos seguidos, as imagens formadas nas folhas que estavam presas às paredes, continham todo o material necessário para que eu pudesse passar aos estudantes noções acerca da linguagem e alfabeto visuais, como por exemplo, noções de enquadramento, equilíbrio e harmonia, que constavam no programa da disciplina. Ao continuar essa experiência, pedia para que se retirassem e formassem uma fila no corredor, enquanto os informava que adentraríamos uma exposição raríssima de novos artistas para apreciarmos obras singulares no mundo. A diferença é que ao retornarem à sala, era pedido que ficassem à frente de imagens alheias. Quando todos já estavam posicionados, informava-os que teríamos um guia para cada “obra de arte”, por serem tão especiais. Em meio a desconfortos, risos e suspiros, iniciava-se o discurso de cada um deles a tentar explicar a imagem abstrata do colega. Cada fala carregava percepções ingênuas na interpretação das formas e traços marcados no papel. Falava-se, nesse momento, do quanto somos seres únicos e como um mesmo comando poderia gerar tantas possibilidades diferentes, assim como leituras diversificadas das mesmas (Imagem 01).



**Imagem 01.** Algumas imagens produzidas a partir do mesmo *Ditado Visual*, 2018. Registos feitos pela equipa do projeto, no interior de Minas Gerais (Brasil). Fonte: Arquivo pessoal.

Durante dois anos consecutivos, apliquei o *Ditado Visual* em turmas da Pós-Graduação da Pomar, e essa atividade revelou-se como uma impulsionadora de diálogos entre os estudantes, assim como dos mesmos com a professora. Eles debatiam suas semelhanças e diferenças que estavam contidos nas imagens que produziram. Trouxeram emoções e características específicas individuais, sendo todas fundamentadas e sustentadas por meio do desenho riscado no papel. Funcionou como uma apresentação de cada estudante, porém feita por um colega, e pude entender como funcionavam as dinâmicas de cada grupo.

Outra ocasião em que utilizei essa prática do *Ditado Visual* foi num projeto de formação de professores de escolas municipais do interior de Minas Gerais (Brasil). Nesses grupos, como não era necessário cumprir um programa de conteúdos teóricos, a proposta apenas era tentar gerar diálogo entre eles por meio das imagens que seriam desenhadas e trocarem informações uns com os outros, principalmente, a nível emocional e psicológico. No fim dessa experiência, surgiu a ideia em experimentar, junto com o professor de música Vini Couto, que trabalharia a percussão corporal com os grupos, ler algumas das imagens produzidas como se fossem partituras. Eram atribuídos sons a cada elemento visual que compunha a figura abstrata a ser lida. Por exemplo, um triângulo invertido representava uma palma. Ao ler uma partitura, ou qualquer tipo de notação musical, leva-se em conta quatro características principais para a reprodução sonora: Intensidade, timbre, altura e duração. Nesse caso, mesmo fora do sistema convencional de escrita musical, não era necessário explicar previamente que uma forma determinada, quando representada em grande dimensão seria um som forte e quando representada em pequena escala seria um

som mais fraco. Isto acontecia também em relação aos espaços entre cada elemento desenhado. Por exemplo, se um triângulo estava mais perto de um quadrado, o som do quadrado era reproduzido quase imediatamente após o do triângulo. Porém se o quadrado estivesse muito afastado, havia um silêncio (pausa) até o olhar chegar na próxima forma. As linhas sinuosas e longas tenderam a estender os sons que lhes foram atribuídos, surgiram gritos contínuos, assobios e suspiros. As linhas diagonais normalmente foram interpretadas como variações de altura. Por exemplo, um *glissando*<sup>18</sup> na voz.

A partir desse desdobramento em que a leitura da imagem era feita por meio de outra linguagem, neste caso a música, refleti acerca das diversas possibilidades de informações que os desenhos abstratos poderiam comunicar. Dondis fala de uma “simbolização abstrata da natureza que pode ser reproduzida por todos; é uma linguagem que todos são capazes de entender e falar”. (Dondis, 2007, p. 169) Mas ela afirma que há uma evolução “quando surge o símbolo que não tem ligação com quaisquer objetos do meio ambiente, que contém informação codificada e pode ser manipulado por todos, [...] uma vez que seu significado lhe foi arbitrariamente atribuído” (Dondis, 2007, pp. 169-170). Nesse último caso, os símbolos das Cavernas pesquisados por Petzinger poderiam ter informações codificadas para que os informados acerca daqueles conteúdos simbólicos, pudessem passar adiante ou simplesmente registrar informações por meio de um sistema milenar de comunicação.

Apliquei o *Ditado Visual* seguido de uma leitura por meio da linguagem musical em outro contexto. O novo grupo era composto por estudantes de Doutorado em Música da Universidade de Aveiro. O Prof. Dr. Gilvano Dalagna que conduz a disciplina *Projetos de Especialização*<sup>19</sup> ao convidar-me tinha a intenção de demonstrar, principalmente, aos estudantes com projetos de investigações ligados à prática, que era possível romper as amarras da técnica e da teoria, quando estivessem a desenvolver um trabalho criativo. A proposta com o *Ditado Visual* era promover a comunicação entre eles, pois estudantes de Doutorado tendem a isolar-se, e também promover um debate sobre criatividade. Quando os estudantes da UA começaram a apresentar verbalmente as imagens registadas pelos colegas, ativaram a imaginação. Assim, iniciava-se o processo criativo e, contudo, consideravam que esta era a etapa racional do exercício. O que desconstruiu uma noção

---

<sup>18</sup> *Glissando* – Termo musical que designa um movimento contínuo, ininterrupto, entre uma nota grave e uma aguda.

<sup>19</sup> *Projetos de Especializações* é uma cadeira que faz parte do Programa de Doutorado em Música da Universidade de Aveiro (Portugal) do ano letivo 2018/2019.

culturalmente pré-estabelecida de que, anteriormente, ao desenharem estariam num momento criativo. No fim da prática, perceberam que de fato o que ocorria era o oposto. Antes, por estarem a seguir meus comandos do *Ditado Visual*, estavam ativamente racionalizando as informações para que se cumprissem todas as etapas. Inclusive, finalizei o debate com a sugestão de uma transposição de linguagens (desenho e som), tal e qual havia feito em Minas Gerais. Sendo a linguagem musical mais acessível a todos, nesse contexto, essas novas possibilidades criativas livres de amarras e condicionamentos metódicos e técnicos foram acessadas mais facilmente. Esta mudança de percepção sobre o que era subjetivo e objetivo dentro do processo fez com que muitos repensassem suas teses teórico-práticas, principalmente os conteúdos que envolviam a criatividade.

O *Ditado Visual* pode ser um meio para impulsionar, facilitar e fortalecer a comunicação entre adultos. Ao ser aplicada em distintos grupos proporcionou rica troca de informações entre os envolvidos, mas tenho a convicção de que esta é apenas uma das amplas possibilidades a partir desta prática. Outras experimentações com outros grupos e condições, principalmente, nos que seus integrantes estejam ligados ao desenvolvimento da Criatividade, poderão revelar novos recursos de transposição do desenho como linguagem.

### **Referências Bibliográficas**

- Aimone, S. (2009). *Expressive Drawing*. Nova Iorque, USA: Lark Crafts.
- Dondis, D. A. (2007). *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.
- Edwards, B. (2000). *Desenhando com o lado direito do cérebro*. Rio de Janeiro, Brasil: Ediouro.
- Furth, G. M. (2004). *O mundo secreto dos desenhos*. São Paulo, Brasil: Editora Paulus.
- Martins, D. (2018). *Arte-Terapia – Criatividade e Simbolismo*. Lisboa, Portugal: Espiral Editora.
- Nachmanovitch, S. (1993). *Ser Criativo*. São Paulo, Brasil: Summus Editorial.
- Ostrower F. (2012). *Criatividade e Processos de Criação*. Petrópolis, Brasil: editora Vozes.
- Ostrower F. (2013). *Universos da Arte*. Campinas, Brasil: editora da Unicamp.

Philippini, A. (2009). *Linguagens e materiais expressivos em Arteterapia: Uso, indicação e propriedades*. Rio de Janeiro, Brasil: Wak.

Pignatti, T. (1982). *O Desenho de Altamira a Picasso*. São Paulo, Brasil: Livros Abril.

Rabello, N. (2015). *O Desenho do idoso – As marcas e os simbolismos que o tempo traz*. Rio de Janeiro, Brasil: Wak Editora.

Rabello, N. (2014). *O Desenho infantil – entenda como a criança se comunica por meio de traços e cores*. Rio de Janeiro, Brasil: Wak Editora.

Rodrigues, C. de A. (2013). *Breves considerações sobre o desenho, a memória e o pensamento*. In C. G. Terra (Ed.), *Arquivos da Escola de Belas Artes, nº 21*. (pp.99-107). Rio de Janeiro, Brasil: EBA publicações.

Vilanova, L. (2016). *Rabiscos Terapêuticos - Como os doodles podem auxiliar na Arteterapia*. Rio de Janeiro, Brasil: Livros Ilimitados

#### SITES

Petzinger, G. Von (2018/11/12). Why are these 32 symbols found in caves all over Europe. TED agosto de 2015. Retrieved from [https://www.ted.com/talks/genevieve\\_von\\_petzinger\\_why\\_are\\_these\\_32\\_symbols\\_foun](https://www.ted.com/talks/genevieve_von_petzinger_why_are_these_32_symbols_found_in_ancient_caves_all_over_europe?language=pt#t-111066)  
[d in ancient caves all over europe?language=pt#t-111066](https://www.ted.com/talks/genevieve_von_petzinger_why_are_these_32_symbols_foun_d_in_ancient_caves_all_over_europe?language=pt#t-111066)